

O desvelar do *Mágico de Oz* à luz da Retórica

The unveiling of the *Wizard of Oz* under the light of Rethorics

Eleonoura Enoque da Silva
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Martha Kaercher
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Resumo

O tema deste trabalho consiste em revelar os elementos retóricos contidos na obra clássica *O Mágico de Oz*. A nossa tese é que o sistema de retórica de Aristóteles pode ser utilizado para interpretar elementos retóricos de obras literárias. O objetivo é fazer uma análise retórica da literatura fundamentada na obra *Arte Retórica* de Aristóteles. Para isso, fizemos uma leitura cuidadosa do *Mágico de Oz*, no qual selecionamos trechos e neles identificamos elementos da retórica aristotélica, tais como gêneros do discurso, meios de persuasão e figuras de retórica. A relevância desse trabalho é evidenciada pela interpretação de uma obra da literatura contemporânea, a partir do único sistema de retórica existente, o qual foi criado pelo Estagirita. Acreditamos com isso, trazer à luz a plenitude da beleza e garbosidade de textos literários contemporâneos outrora entenebrecidos e ocultos ao desatento olhar.

Palavras-chave: Linguagem. Filosofia. Retórica clássica. Literatura.

Abstract

The theme of this work is to reveal the rhetorical elements contained in the classic work *The Wizard of Oz*. Our thesis is that Aristotle's system of rhetoric can be used to interpret rhetorical elements of literary works. The objective is to make a rhetorical analysis of the literature based on the work *Art Rhetoric* by Aristotle. For this, we made a careful reading of the *Wizard of Oz*, in which we selected excerpts and identified elements of Aristotelian rhetoric, such as speech genres, means of persuasion and figures of rhetoric. The relevance of this work is evidenced by the interpretation of a work of contemporary literature, based on the only existing system of rhetoric, which was created by the Stagirita. We believe with this, to bring to light the fullness of beauty and grace of contemporary literary texts that were once darkened and hidden from the inattentive gaze.

Keywords: Language. Philosophy. Classical rhetoric. Literature.

Informações do artigo

Submetido em 22/03/2022
Aprovado em 17/04/2022
Publicado em 29/04/2022.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n1.p79-95>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

SILVA, Eleonoura Enoque da; KAERCHER, Martha. O desvelar do *Mágico de Oz* à luz da retórica. **Agora Filosófica**, Recife, v. 22, n. 1, p. 79-95, jan./abr. 2022

1 INTRODUÇÃO

Segundo Alexandre Júnior (2005), a literatura é o melhor veículo da cultura e da civilização grega, e ela foi largamente moldada pela retórica. Essa é uma das razões pelas quais inferimos que a literatura é o lugar onde podemos encontrar elementos retóricos, em qualquer época da história e da cultura. A maioria das pessoas tenta questionar ou sustentar argumentos, porém, é função da retórica, discernir os tipos de argumentos persuasivos ou não, mais pertinentes em cada gênero de discurso político, judiciário, ou de elogio ou censura, conforme dito na *Arte Retórica* de Aristóteles.

Assim sendo, o problema dessa pesquisa consiste em investigar como é possível utilizar a retórica de Aristóteles, para analisar e interpretar os argumentos de uma obra literária.

Neste trabalho, o nosso objeto de estudo são os elementos da retórica aristotélica aplicados na análise da fábula *O Mágico de Oz*. Esses elementos são: gêneros do discurso, partes do discurso, figuras de retórica, e meios de persuasão.

Inicialmente, faremos uma breve exposição da obra *O Mágico de Oz*, e o seu contexto histórico e político. Em seguida, apresentaremos os conceitos contidos no sistema da Retórica de Aristóteles. Por fim, traremos os resultados da análise retórica da obra *O Mágico de Oz*.

2 A OBRA O MÁGICO DE OZ

O Mágico de Oz foi escrito em 1919, por Lyman Frank Baum, e traduzido em 2013 para o português por Sérgio Flaskman. O livro é constituído de vinte e quatro capítulos.

Segundo Gustavo H. B. Franco¹ (2013), as obras de Baum eram destinadas ao público infantil, contudo não em linguagem infantil, e segundo o tradutor, não eram desperdiçadas palavras. Também tratava de fatos reais sobre política e economia no seu contexto histórico político-econômico.

Franco *apud* Rockoff (2013, p. 8) diz:

¹ Escritor e Professor do departamento de Economia da PUC-RJ desde 1986. Foi diretor e presidente do Banco Central do Brasil entre 1993 e 1999. Tradutor, prefaciador, e introdutor da obra *O Mágico de Oz*, de 2013.

[...] *O Mágico de Oz* não era apenas uma história para crianças, mas também uma obra sofisticada com comentário e debates sobre políticas, e economia da Era Populista, portanto, baseado em fatos reais, com códigos ocultos, enredos paralelos e conspirações que levam a gente grande ter prazer na leitura.

O *Populismo* foi um movimento político que permeava o contexto histórico e sócio-político no qual L. F. Baum vivia, e, embora o próprio autor não fizesse menção a isso, todavia, o fizeram posteriormente Henry Littlefield e Hugh Rockoff. (BAUM, 2013, p. 8).

Numa breve sinopse, temos a estória de uma jovem chamada Dorothy, órfã e criada por seus tios Emma e Henry. Viviam numa cidade rural no Kansas, nos Estados Unidos. Terra cinzenta, ambiente marcado pela seca, escassez de chuvas, paisagem triste e pessoas tristes, com exceção de um cachorrinho preto que ajudava a tornar um pouco mais alegre aquele cinzento ambiente. Até que, em outro dia cinzento, um ciclone atinge o local e suspende a casa, juntamente com Dorothy e o cachorrinho, levando-os para um outro mundo, o Mundo de Oz, o Mágico. Ao chegar nesse mundo, a casa cai sobre a bruxa má do Leste, que morre, e em decorrência disso, os Munchkins se tornam livres. Então Dorothy encontra a bruxa boa que a orienta a seguir pelo caminho dos tijolos amarelos para conseguir voltar para a casa dos seus tios no Kansas. (BAUM, 2013, p. 30).

No início da jornada, Dorothy encontra três personagens, que passam a seguir a viagem com ela: o Espantalho, que não tinha cérebro; o Homem de Lata, que não tinha coração; e o Leão, que não tinha coragem. Os quatro personagens, juntamente com o cachorrinho Totó, seguem então rumo a uma grande aventura para cada um buscar atender seus anseios com o auxílio do Grande Mago. (BAUM, 2013, p. 41, 48, 53).

Surpreendentemente, ao final, descobrem que o Grande Mágico era na realidade um engodo, um embuste, uma farsa, enfim, uma grande mentira! Contudo, cada um recebe, de modo falacioso, seu presente do Mago de Oz, exceto Dorothy. Para ela, a forma de voltar para casa seria sem a ajuda do Mago. Os sapatos encantados da bruxa má do Leste, que morreu com a queda da sua casa sobre ela, a levariam de volta para a casa dos seus tios. Cada amigo de Dorothy se torna rei e passa a ter o seu reinado, e a jovem finalmente consegue, ao final, voltar para sua casa. (BAUM, 2013, p. 106, 112, 130).

3 A RELAÇÃO ENTRE A RETÓRICA E A LITERATURA

No que tange à relevância da retórica para a literatura, Manuel Alexandre Jr. (2005, p.10) relata que tanto a retórica quanto a hermenêutica estão ligadas à essência da práxis humana. A argumentação e a interpretação permeiam toda a comunicação verbal e não verbal de proposições, pressupostos, do significado, da filosofia da linguagem, da semântica e da semiótica.

Como prova disso, nos aponta o fato de que, em específico, a retórica aristotélica tem atraído a atenção de muitos filósofos contemporâneos, tais como Chaim Perelman, que trouxe nova discussão sobre a argumentação em Aristóteles. (ARISTÓTELES, 2005, p.10).

Não é fácil definir um conceito para a retórica clássica; é bem difícil, pois nunca existiu um sistema uniforme de retórica clássica. E uma análise da obra grega de Aristóteles é uma tarefa árdua de precisar com rigor o sentido original, pois tem uma natureza densa, acentuadamente elíptica. Esta dificuldade é sentida ao lermos o texto traduzido. Apesar da distância temporal que nos separa, é fato que a literatura funcionava como um veículo à cultura e à civilização grega e que estava totalmente moldada pela retórica. (ARISTÓTELES, 2005, p. 16).

Os gregos saboreavam a força e a magia das suas próprias palavras, inspiradas no doce sabor da persuasão. Quintiliano era admirador dessa eloquência, reconhecendo nela o desabrochar da perfeição na oratória. Poemas elegíacos e líricos se apresentavam impregnados de estruturas discursivas de inspiração retórica e intenção persuasiva, como se percebe nos diálogos das tragédias gregas, nas poesias, nos documentos históricos, nos tratados filosóficos, através do discurso oratório e da intenção persuasiva. Pericles, Tísias, Górgias influenciavam sua plateia pelo poder e admiração que provocavam nos seus ouvintes. Córax e Tísias colaboraram com o desenvolvimento retórico sintagmático que se preocupa com o Dispositio, ou as partes do discurso através da literatura. (ARISTÓTELES, 2005, p.11).

Da mesma forma, com base nessa compreensão da importância da literatura como expressão da cultura contemporânea, e como na literatura grega pode estar totalmente moldada pela retórica, utilizamos como objeto de estudo a obra *O Mágico de Oz*.

O caminho a ser percorrido será através dos conceitos evidenciados nos dois grandes tratados de Aristóteles: *A Retórica e a Poética*.

Aristóteles nos apresenta a retórica como a arte da comunicação e do discurso feito ao público com fins persuasivos. A poética é parte que trata da evocação imaginária do discurso feito com fins essencialmente poéticos. Essa oposição das duas técnicas (τεχναι), ou distinção, é uma característica singular da retórica aristotélica. E foi justamente esta a grande inovação de Aristóteles para aquela época: dar lugar em relevo para a argumentação. Enquanto a Sofística fazia a fusão das técnicas e se preocupava excessivamente com a estrutura e a forma do discurso, Aristóteles tinha a preocupação com a lógica argumentativa, e a sua crítica era exatamente o incentivo às emoções, pelos sofistas, em detrimento do raciocínio lógico. (ARISTÓTELES, 2005, p.11).

Portanto, a retórica aristotélica era sobretudo uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo retórico, isto é, uma teoria da argumentação persuasiva. Sua aplicação era ampla para quaisquer assuntos, um método de trabalho, um sistema crítico de análise utilizável na construção do discurso e na sua interpretação. (ARISTÓTELES, 2005, p.11).

Precisamente no terreno fértil da linguagem e da literatura, podemos encontrar a aproximação da escrita contemporânea com o sistema retórico da antiguidade, afinal, possuímos uma formação cultural ocidental impregnada do helenismo por toda a parte, seja no vocabulário, seja nos costumes, e em todos os âmbitos dos saberes. Como diz o próprio Aristóteles – o Pai da Lógica: “Tudo o que existe hoje, teve um princípio.”

Alexandre *apud* Ricoeur ao dizer que a retórica aristotélica cobre três campos:

[...] a teoria da argumentação, a teoria da elocução e a teoria da composição, mas, para começarmos a entender um pouco mais sobre o conceito aristotélico da argumentação, é necessário entendermos preliminarmente, o seu sistema retórico porque, é no Entimema e no Exemplo que Aristóteles introduz a sua teoria da lógica argumentativa na retórica. (ARISTÓTELES, 2005, p.31).

4 O SISTEMA RETÓRICO ARISTOTÉLICO

4.1. DA NATUREZA DO SISTEMA RETÓRICO

Todas as pessoas tentam questionar ou sustentar um argumento. Defender (Ἡ τεκνε ρητορικε) ou acusar (Αντιστροφος). Essa designação para o termo acusar tem origem na parte musicada das tragédias gregas líricas, que tinha o movimento para uma direção (στροφε) e o que se movimentava para o lado contrário (αντιστροφος).

A palavra grega Ρντωρ (Retor) significa orador, líder de assembleia ou tribunal, e é a origem da palavra retórica. Também pode-se definir a retórica como a capacidade de descobrir (Δυναμις του θεωρισαι) o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir.

Para Aristóteles, a τεκνε, ou a retórica, é um corpo de regras e princípios gerais que a razão pode conhecer, uma forma de Επιστεμε em oposição à mera Εμπειρια, o grau intermédio entre a simples experiência prática e o conhecimento plenamente científico. (ARISTÓTELES, 2005, p. 89).

A retórica é a outra face da dialética, porque se ocupam de questões ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência particular. E a função da retórica é discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso. (ARISTÓTELES, 2005, p.84, 89).

Manuel Alexandre Jr. apud Racionero (2005, p. 95) ao referir que, na retórica, existe uma obscuridade sobre a classificação do conhecimento e a da intenção, que resulta da falta de um termo diferenciador no campo semântico da retórica. Os prejuízos da retórica estão no campo da intenção do orador.

4.2. DAS ESPÉCIES DE RETÓRICA OU GÊNERO DO DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM OS TÓPICOS OU LUGARES COMUNS

Para cada gênero de discurso temos três elementos comuns: o orador, o discurso e a plateia ou auditório. Mas, três são os gêneros de discurso, pois possuem distintas plateias, com discursos distintos de acordo com a intenção e propósito do orador na construção da sua argumentação lógica.

São nesses discursos que encontraremos a classificação das categorias dos lugares comuns e próprios dos quais derivam os entimemas e os exemplos. Assim, os Tópicos dão forma e matéria para o raciocínio lógico aristotélico, e aqui Aristóteles introduz a sua teoria lógica do argumento persuasivo. Os Tópicos são estratégias lógicas dos argumentos.

Para cada um desses, teremos lugares de tópicos comuns a todos ou peculiares para cada gênero. Esses tópicos são constituintes da forma e da matéria dos Entimemas e Exemplos, das provas de persuasão.

Por exemplo, para o discurso Deliberativo (Político), teríamos os conselhos, as exortações, as vantagens e desvantagens de determinadas ações projetadas para o futuro. Nele, cabem os tópicos éticos, mais ou menos, e das constituições políticas.

No discurso Epidíctico (Demonstrativo), teríamos como características o louvor, a censura num tempo presente, e os tópicos cabíveis são os de amplificação.

Enquanto no discurso Judicial (Forense) teríamos presentes as características das acusações, defesas, transgressões e delitos, do justo ou injusto, dos agentes e das vítimas. Nesse gênero discursivo, teremos os tópicos do possível e do impossível, da lista de fatores, razões, tipos de crimes, graus de injustiça e equidade. (ARISTÓTELES, 2005, p. 40).

4.3. DAS PROVAS OU MEIOS DE PERSUASÃO

A persuasão da argumentação precisa de provas as quais possuem três espécies: as provas lógicas, as éticas e as patéticas, ou emocionais. O termo 'prova' é no grego Πιστις, que não é o mesmo que usamos para fé; antes, significa a prova lógica que pode ser artística ou não artística.

É, portanto, no discurso judicial ou forense que vamos encontrar os meios de persuasão, assim classificados por Aristóteles: as provas artísticas (técnicas ou intrínsecas) e as provas não artísticas (não técnicas ou extrínsecas). Nas provas artísticas, ou técnicas, temos aquelas que são produzidas pelo orador, como os entimemas, exemplos e as figuras de linguagem, como as metáforas. Não artísticas, ou provas não técnicas, temos aquelas que não são produzidas pelo orador, como as testemunhas, os contratos, as leis, os documentos históricos, a tortura. Nas provas artísticas temos como meios persuasivos o *Pathos* (Παθος), *Ethos* (Εθος) e o *Logos*

(Λογος). *Pathos* é o meio pelo qual o orador suscita a emoção dos seus ouvintes; o *Ethos* é aquele que se refere ao caráter do orador que impõe credibilidade no seu discurso; e o *Logos* é aquele que trata da construção do discurso. Neste se apresentam os meios lógicos dedutivos e indutivos que darão força persuasiva ao discurso. (ARISTÓTELES, 2005, p. 97).

Aristóteles (2005, p. 97) diz que:

[...] No Logos vamos encontrar a parte de maior relevância sobre o poder de persuasão, e que o entimema é o meio dedutivo, ou seja, um tipo de silogismo no introduz a sua teoria lógica da retórica. O exemplo é o meio indutivo que subsistem nas formas criadas, tais como as fábulas e parábolas, ou nas formas não criadas, como os fatos históricos.

É exatamente nesse ponto que vamos perceber a noção de argumento para Aristóteles, ou seja, o caminho para compreender o que é, como se forma o argumento em Aristóteles começa aqui, nas provas ou meios de persuasão, quando ele passa a introduzir a lógica da argumentação, o raciocínio como instrumento de demonstração da pretensa verdade.

O caráter do orador é importante, mas não é decisivo, pois pode ser que um indivíduo sem caráter convença seus ouvintes por meio dos seus argumentos. Aristóteles fala sobre essa possibilidade quando o juiz baseia sua decisão em testemunho falso. A emoção também pode enganar, mascarar, ludibriar facilmente uma plateia pelo apelo emocional, pela resposta que o orador suscita no seu auditório, através da ação, gestos, da elocução durante sua sustentação. Para o orador retórico, a emoção, ou como ele define, a paixão, é controlada pelo raciocínio que desenvolve com seus ouvintes.

Mas, na argumentação, ou Logos, segundo Aristóteles, o orador constrói a prova demonstrativa pelo entimema – quando o argumento consegue articular as premissas com maestria e inteligência a ponto de levantar uma afirmação irrefutável, perfeitamente lógica. E, caso não tenha um entimema, pode fazer uso do exemplo que são fatos históricos, pois contra fatos não há argumentos. A força persuasiva do entimema e do exemplo é muito significativa.

O uso do entimema como instrumento retórico é fundamental na arte retórica. É um tipo de silogismo retórico de argumentação dedutiva. Na argumentação pelo Logos, que é o raciocínio, a demonstração é mais clara, precisa e contundente. Como nos diz Aristóteles, é necessário estar preparado para qualquer um que intente arguir

sobre a justiça, e é através do entimema e do exemplo que Aristóteles introduz a sua teoria da lógica retórica.

4.4. DOS ENTIMEMAS E DOS EXEMPLOS

Na obra *Retórica*, Aristóteles afirma que a matéria e a forma dos entimemas são derivadas de elementos da Possibilidade, da Necessidade e da Probabilidade.

Probabilidade são premissas geralmente aceitas, fundadas na experiência e no consenso. Mas também existem os Sinais, que possuem dois tipos: uns que apontam para uma conclusão necessária, e outros que são refutáveis. (ARISTÓTELES, 2005, p. 37).

Assim, temos que os entimemas são veículos por excelência da argumentação retórica, as suas premissas são constituídas por Tópicos, ou como são denominados, Lugares Comuns.

A estrutura lógica do raciocínio retórico é constituída pelas fontes de raciocínio, e os Tópicos são estratégias lógicas disponíveis.

Se é capaz de discernir sobre o plausível, é capaz de discernir sobre a verdade. A verdade e a justiça devem prevalecer. Para este objetivo, é necessário que as provas e os raciocínios se formem em argumentos comuns (tópicos), para que não escape o real estado da questão e possamos estar habilitados para refutar os argumentos contra a justiça. Essa era a meta de Aristóteles ao propor a sua lógica retórica. (ARISTÓTELES, 2005, p. 93).

Στασις, ou teoria retórica, é o ponto em questão em qualquer conflito. Também chamado de Status ou Constitutio, entende-se como a posição em que cada parte do litígio se coloca na defesa da sua posição e ataque da posição contrária. Neste ponto temos o momento inicial dos respectivos argumentos. (ARISTÓTELES, 2005, p. 54-55).

O silogismo plenamente expresso apresenta uma premissa maior, uma menor e uma conclusão. O entimema se apresenta como uma premissa a menos, geralmente a menor. O entimema é um silogismo derivado de probabilidades e sinais, é necessário que cada um deles se identifique com a classe de entimema correspondente. (ARISTÓTELES, 2005, p. 100).

Aristóteles (2005, p. 103) diz que:

[...] A probabilidade é o que geralmente acontece, mas não absolutamente. Versa sobre coisas que podem ser de outra maneira, e relaciona-se no que concerne ao provável como o universal se relaciona com o particular. Quanto aos sinais, uns apresentam uma relação do particular para o universal, outros uma relação do universal para o particular. Destes sinais, os necessários são argumentos irrefutáveis, e os não necessários não têm nome peculiar que traduza a diferença.

Neste aspecto, a doutrina aristotélica sobre os *Τοποι* nos textos não é clara, pois não apresenta uma definição. O que é perceptível é que são princípios ou fontes de argumentação de natureza lógica ou retórica, e apresentam-se geralmente divididos em dois grupos distintos: os *Ιδιοι τοποι* e os *Κοινοι τοποι*. Os primeiros apresentam-se como tópicos relativos a determinadas artes ou ciências, e especificamente apropriados a cada um dos gêneros do discurso oratório. Deles se formam o maior número de entimemas. O segundo, refere-se aos tópicos aplicáveis a qualquer um dos gêneros. Essa divisão ainda necessita de esclarecimentos.

Aristóteles usa o termo técnico privilegiado *Ειδη* para representar as proposições adequadas a cada gênero. E Pelletier sustenta que o Livro I ocupa-se das espécies próprias de cada gênero, e o Livro II das espécies comuns pertinentes a todos os gêneros. (ARISTÓTELES, 2005, p. 103).

As primeiras, Particulares, têm por objeto persuadir fornecendo as premissas adequadas a cada um dos gêneros, e as últimas, Comuns, constituem os métodos formais de raciocínio, constituindo elementos preparatórios da argumentação principal, e têm por objetivo persuadir essa ação como possível ou impossível.

Alexandre apud Racionero (2005, p. 95) diz que:

[...] para inferir que os entimemas podem ser necessários que correspondem aos indícios, e os frequentemente verdadeiros que correspondem às probabilidades. A probabilidade é uma premissa plausível. O sinal, signo ou indício trata de algo que aconteceu e existe. É a relação entre dois fatos. Se esta relação for necessária, o sinal chama-se *τεκμηριον* que é o argumento concludente ou prova irrefutável. Se não for necessária, a conclusão reduz-se a uma mera probabilidade. Tanto *σημειον* como o *εικος* são modos de probabilidade real, no primeiro caso, da probabilidade de um fato, no segundo, a probabilidade de uma relação.

Segundo Aristóteles (2005, p. 103), as provas irrefutáveis, probabilidades e sinais, são premissas retóricas que dão origem aos silogismos.

A função dos tópicos comuns a todas as espécies de retórica se legitima pela necessidade que os discursos persuasivos têm de formular um juízo. Para cada discurso há um fim diferente.

Para Aristóteles, todos os oradores devem, necessariamente, servir-se, nos seus discursos, do possível e do impossível, e tentar demonstrar para uns como serão as coisas, e para outros, como foram. (*Δινατον* e *Αδινατον*) mundo real, mas sim em um outro estado, o da possibilidade, embora que o nome permanece rígido.

5 ANÁLISE DOS DADOS, DISCUSSÃO E RESULTADOS

A presente análise retórica de *O Mágico de Oz* identificou a presença de elementos do Discursos Epidítico, Deliberativo e Judicial, bem como a constatação de provas técnicas e não técnicas, tais como *Ethos*, *Patos* e *Logos*. Além disso, encontramos várias figuras retóricas, acompanhadas de algumas considerações sobre o contexto sócio-político da época e de um destaque à relevância literária da obra pelo seu desempenho da função de fábula e parábola.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS GÊNEROS DE DISCURSO

Segundo Manoel Alexandre Jr. (2005, p.), o gênero epidítico tem a ver com a nobreza e a virtude. Discutem-se as virtudes e o conceito do belo, do nobre, do honesto e seus contrários. A vertente estética da retórica epidítica é evidenciada pela especial atenção dada ao tópico da amplificação nos discursos demonstrativos. (ARISTÓTELES, 2005).

Em toda a narrativa, percebemos o predomínio do discurso epidítico. Vejamos alguns trechos que o caracterizam:

Na obra, temos a exaltação do belo, da bondade relacionada com a beleza; as criaturas malévolas eram horríveis, distorcidas, peludas, assustadoras. O belo relacionado com as virtudes da bondade, a doçura, como vemos no exemplo da Bruxa Boa Glinda.

[...] Quando estavam todos apresentáveis, seguiram a moça-soldado até um salão imenso onde a Bruxa Glinda estava sentada num trono de rubis. Ela era linda e jovem. Seus cabelos eram de um vermelho forte e caíam em cachos abundantes pelos ombros. Seu vestido era

todo branco; mas os olhos eram azuis, e contemplavam a menina com grande doçura. (BAUM, 2005, p. 130).

No trecho que descreve a linda princesa e o seu poder de fazer o bem:

[...] Na época, bem ao norte, vivia uma linda princesa que também era uma feiticeira poderosa. Todo o seu poder mágico era usado para proteger o povo, e nunca se soube que ela tenha feito nenhum mal a qualquer pessoa do bem. (BAUM, 2005, p. 98).

Podemos notar que os trechos acima caracterizam o gênero Epidíctico, pois em cada um deles há um elogio ou censura a alguém ou alguma coisa.

Sobre o discurso deliberativo, ou seja, aquele que visa o aconselhamento sobre algo no futuro, como ocorre também no âmbito político, encontramos a seguinte demonstração no trecho que trata do guarda do portão, ao advertir os viajantes dos perigos eminentes:

[...] — Faz muitos anos que ninguém pede para ver Oz — disse ele, balançando a cabeça de surpresa. — Ele é poderoso e terrível, e se vocês chegaram aqui atrás de alguma coisa boba ou sem sentido para perturbar as sábias reflexões do Grande Mágico, ele pode ficar irritado e destruir vocês todos na mesma hora”. (BAUM, 2005, p. 72).

Sob o aspecto do discurso judicial, identificamos no diálogo entre os quatro amigos e o Mago de Oz, que reinava na Maravilhosa Cidade das Esmeraldas de Oz, a forma de discurso semelhante ao estilo de âmbito judicial, pois encontramos a emissão de ordens, juízos, sanções, leis entre os seus súditos e jurisdicionários:

[...] — Sou Oz, Grande e Terrível — disse o Monstro, numa voz que era um grande rugido. — Quem é você, e por que me procura? — Sou um lenhador, e feito de lata. Por isso eu não tenho coração, e não sou capaz de amar. Peço que me dê um coração para eu poder ser como os outros homens. — E por que eu devo atender o que me pede? — Porque estou pedindo, e só o senhor pode me dar o que eu desejo — respondeu o Lenhador de Lata. (BAUM, 2005, p. 82).

5.2 PROVAS TÉCNICAS E NÃO TÉCNICAS

Os meios de persuasão são três: os derivados do caráter do orador (*Ethos*), os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*Pathos*) e os derivados dos argumentos verdadeiros ou prováveis (*Logos*). São esses três elementos de prova que juntamente contribuem para o raciocínio entimemático. (ARISTÓTELES, 2005, p. 40).

Em toda a obra, é vasta a utilização das provas técnicas, que são aquelas criadas pelo orador. Não percebemos o uso de provas não técnicas na obra, quando o orador não cria, como relatos de testemunhas, documentos. Foram identificadas as provas técnicas *Ethos*, *Pathos* e *Logos*, como também algumas figuras de linguagem.

É dito por Aristóteles (ARISTÓTELES, 2005, p. 89) que a verdadeira retórica é uma forma de argumentação comparável à dialética. A retórica é útil, pois sem ela a verdade pode ser derrotada num debate.

5.2.1. Pathos – da comoção

No caso, quando o autor tenta provocar o sentimento, a sensibilização ao leitor, quando descreve as dificuldades da vida de Dorothy e de seus tios.

[...] Quando Dorothy chegava à porta de casa e olhava em volta, só via a pradaria cinzenta de todos os lados. Nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, se estendia até onde a vista alcança. O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol queimara as pontas das folhas e elas ficaram da mesma cor cinza que se via em toda parte. A casa antes era pintada, mas o sol tinha descascado a tinta e as chuvas tinham lavado o que sobrou, e agora a casa era tão cinzenta e sem cor como todo o resto. (BAUM, 2005, p. 30).

Em outro trecho, podemos perceber como o autor descreve a amabilidade, companheirismo, emoção, tristeza, sentimento de dor pelo amigo que estava sofrendo.

- Adeus! — gritou ele para os outros, que sentiram muita pena de deixar o amigo. O Lenhador de Lata começou até a chorar, mas por sorte se lembrou que poderia enferrujar, e enxugou as lágrimas com o avental de Dorothy. (BAUM, 2005, p. 63).

5.2.2. Ethos – do caráter do orador

Percebe-se, no texto a seguir, a descrição do ato de bondade vinculada à fala da Cegonha ao se dirigir para o Espantalho.

[...] — Nem precisa — disse a Cegonha, que voava ao lado deles. — Eu gosto de ajudar gente em dificuldade. Mas agora preciso ir embora, porque meus filhotes estão me esperando no ninho. Espero que vocês encontrem a Cidade das Esmeraldas, e que o grande Oz possa ajudar a todos. (BAUM, 2005, p. 63).

Percebe-se a descrição da virtude da benignidade, de modo a atribuir essa específica qualidade à Cegonha após ela executar um ato de bondade para com o Espantalho:

[...] — Obrigada — respondeu Dorothy. A Cegonha bondosa subiu nos ares e logo sumiu das vistas dos amigos. (BAUM, 2005, p. 64).

5.2.3. Logos – da lógica argumentativa e das figuras de retórica

5.2.3.1. Entimemas – da causa e efeito

Nesse trecho, vê-se a relação de dependência e causa efeito da primeira premissa com a segunda.

[...] - A coisa vai mal - disse o Lenhador de Lata. — Se não conseguirmos chegar do outro lado, seremos levados para o país da Bruxa Má do Oeste, que vai nos enfeitiçar e reduzir a escravos. — E aí eu não vou conseguir meu cérebro — disse o Espantalho. — E nem eu a minha coragem — disse o Leão Covarde. — E nem eu o meu coração — disse o Lenhador de Lata. — E eu nunca mais vou voltar para o Kansas — disse Dorothy. (BAUM, 2005, p. 62).

5.2.3.2. Paradoxo – da contradição

Nesta demonstração, temos apresentação de ideias contraditórias.

[...] - Não entendo como você pode querer ir embora deste lindo lugar e voltar para o lugar seco e cinzento que você chama de Kansas. — Isso porque você não tem cérebro — respondeu a garota. — Por mais que as nossas casas sejam tristes e cinzentas, nós, as pessoas de carne e osso, preferimos viver nelas do que em qualquer outro lugar, mesmo o mais lindo do mundo. Não existe lugar igual à casa da gente. (BAUM, 2005, p. 45).

5.2.3.3. Metáfora

Quando se emprega o uso de vocábulos com sentido diferente do seu original para reforçar uma ideia. Aqui temos o seguinte resultado:

[...] e apagavam a **centelha** que brilhava nos seus olhos, hoje de um cinzento neutro. (BAUM, 2005, p. 30).

[...] o capim alto **se abaixava em ondas**. (BAUM, 2005, p. 30).

5.2.3.4. Hipálages

Quando se atribuem características humanas aos seres ou objetos não humanos. Neste caso, percebemos o emprego de vocábulos que transmitem a ideia de ações humanas para objetos inanimados e não humanos, provocando uma percepção mais intensa do fato natural.

[...] Em seguida ouviram um assobio agudo no ar”.
 [...] um grito fortíssimo do vento. (BAUM, 2005, p. 30).

Os elementos persuasivos de argumentação – as figuras de linguagem sistematizadas – foram empregados com o intuito de agradar o leitor e de elaborar uma analogia em face de todo o contexto social e político que o autor vivia no fim do século XIX e início do século XX. Percebemos que, com toda a técnica sistematizada com base na retórica aristotélica, o autor conseguiu transmitir eficazmente a sua mensagem e de tal forma que se consagrou ao longo de séculos; ela se mantém atual no âmbito sócio-político como uma crítica sofisticada às falácias dos discursos políticos em meio à vida na sociedade.

O discurso aproxima-se predominantemente do estilo Epidítico, que se caracteriza por apresentar elogios e censura na forma de ostentação linguística. A persuasão aparece no estabelecimento de laços de comunidade, nomeadamente em torno de valores. Intensifica a adesão de valores comuns ao auditório e ao orador. (PERELMAN, 1996, p. 66, 185).

Mais do que uma forma argumentativa, o estilo Epidítico tem uma função Retórica, que busca estabelecer laços comunitários através da amplificação de valores comuns, de acordo com os quais a argumentação é possível considerando-se a típica função lógica-social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, alcançamos os objetivos e resultados esperados ao desvelar na obra *O Mágico de Oz*, elementos da retórica aristotélica por meio de uma reflexão e uma interpretação dos tais. Trata-se de um trabalho original e que acreditamos que possa servir de método de análise, e apoio para outras obras literárias, para

estudantes, professores e todos àqueles que pretendam aplicá-lo nas interfaces entre literatura, linguagem e filosofia.

REFERÊNCIAS

ABREU, A.S. **A arte de argumentar**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <https://designunip.files.wordpress.com/2011/08/a-arte-de-argumentar-antonio-suarez-abreu.pdf>. Acesso em: Abr. 2018.

ARISTÓTELES. **Retórica** – Obras Completas. Trad. Manoel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf. Acesso em: Out. 2018.

BAUM, L. Frank. **O Mágico de Oz**. Trad. Sérgio Flaksman Ed. Zahar, 2013, 224p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788537811511/cfi/6/6!/4/4/2@0:0>. Acesso em: Ebook. Mai. 2018.

LEVITZKY, S. **Entrevistamos três especialistas em cientista político sobre as eleições**. Jornal do Campus. ECAUSP. São Paulo, Out. 2018. Disponível em <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2018/10/entrevistamos-tres-especialistas-em-ciencia-politica-sobre-as-eleicoes/>. Acesso em Dez. 2018.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**. Trad. Ma. Ermantina G. Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: <https://archive.org/details/PERELMANChaimOLBRECHTSTYTECALucie.TratadoDaArgumentacaoANovaRetorica>. Acesso em: Maio. 2018.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/reboul-o-introduc3a7c3a30-c3a0-retc3b3rica.pdf> Acesso em: Mar. 2018.

ROHDEN, L. **O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles**. P. Alegre: Edipucrs, 1997. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1099/1509>. Acesso em: mar. 2018.

DADOS DOS AUTORES

Eleonoura Enoque da Silva

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Bacharel em Física pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) com experiência de ensino e pesquisa em Filosofia e Física. Atualmente é professora do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGFIL) e Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Suas principais áreas de interesse são: lógica, filosofia da lógica, filosofia da ciência, filosofia da linguagem, filosofia analítica, epistemologia, física, fundamentos da mecânica quântica e teoria das categorias. **E-mail:** eleonoura.silva@unicap.br

Martha Kaercher

Mestranda em Filosofia pela UNICAP, graduada em Educação Física pela ESEF/UPE, bacharelada em Direito pela UNICAP, especializada em Avaliação da Performance Humana pela ESEF/UPE, profissional de ensino, concursada e pesquisadora do PIBIC pela UNICAP em 2018 - 2020. *E-mail:* martha.2020609150@unicap.br